

O NACIONALISMO E OS SOCIALISTAS

SUMA IDEOLOGICA SEM ORGANIZAÇÃO E SEM PROGRAMA

O atual movimento nacionalista surge no Brasil mais ou menos por volta de 1948 com a campanha "O Petróleo é nosso". Desdobrou-se a partir daí em numerosas outras campanhas: contra a Academia Militar de Brasília; E.U.U., contra o estabelecimento da base norte-americana em Fernando Noronha, contra a exportação de nossos minerais atômicos etc.

Trata-se de uma série de campanhas de caráter defensivo, cuja eclosão é provocada por tentativas do imperialismo de ampliar sua penetração política ou econômica no país ou de intensificar a exploração de nossos recursos naturais. O nacionalismo não é um programa de ação próprio, mas de reação às investidas do imperialismo.

Na verdade, o nacionalismo é uma manifestação da consciência da exploração imperialista do país. Sua consciência esta que atingiu amplitude quando os interesses da burguesia brasileira começaram a entrar em choque com os do imperialismo, principalmente norte-americano. Este choque de interesses representava a agudização da consciência dentro do jovem capitalismo brasileiro e o capitalismo super-amadurecido dos velhos países industriais, depois de um período de guerra que envolvia estes últimos, favorecendo o desenvolvimento do primeiro. Durante a guerra o Brasil tinha conquistado

veis a baixo preço e em abundância.

O nacionalismo surgiu precisamente para ajudar a criar o ambiente ideológico — o consenso — que favorecesse a política. E ela que não foi o nacionalismo que "inventou" o burguesismo. Mas até 1948 mais ou menos falar em "imperialismo" e defesa do país contra a sua exploração significava tomar uma atitude de esquerda, que contrariava o que era de bem tom pensar e dizer. De lá para cá ser nacionalista é que ficou respeitável, muito mais que a atitude oposta, que passou a ser designada pelo nome de "ultra" de "negrata". Não é a taxa que hoje torce do mundo se diz nacionalista, ainda que de vez em quando sinta a necessidade de particularizar o seu nacionalismo apelando-o de "sadio". Esta respeitabilidade foi dada ao nacionalismo pelo apoio burguês. Este se manifestou de diversos modos: posições assumidas por órgãos da classe da indústria, ajuda financeira a companhias nacionalistas, poderão à Frente Parlamentar Nacionalista de reivindicações porta-vozes da indústria etc.

A burguesia, no entanto, não só deu respeitabilidade ao nacionalismo mas também condicionou-a a seus interesses. E embora a maioria dos militantes do nacionalismo sejam pequenos-burgueses e tenham mesmo a quase totalidade do movimento operário organizado aderido a ele, o fato é que para não perder

falta completa de uma idéia clara da sociedade industrial que se almeja.

Também mostrou-se impotente, no Brasil pelo menos, ao movimento uma organização minimalmente eficiente: o excesso de organizações — frentes, ligas, movimentos — revela na realidade falta de organização. A ausência de um programa aceito por todos impede, é claro, que se possa impor disciplina na ação aos militantes, ou mesmo coordenar adequadamente suas atividades.

Nestas condições a própria definição de nacionalismo torna-se vaga. Todos podem usar esta palavra, desde socialistas, comunistas até integralistas. A descaracterização do movimento de tornar-se completa quando os velhos reacionários tipo Gustavo Corção, que ainda se assistam com a palavra nacionalista em seus discursos, são cotado e forem considerados "nacionalistas" todos brasileiros que amam seu país.

OS SOCIALISTAS EM FACE DO NACIONALISMO

O movimento nacionalista pode melhor ser descrito como uma frente única de todos os que querem preservar o processo de desenvolvimento do país do controle estrangeiro e de uma maioria geral, desejam a substituição no Brasil de uma economia industrial moderna. Embora isto nem sempre seja dito explicitamente, adquire-se esta economia, a ser substituída pelo novo mais lento. Na frente única do nacionalismo o navio mais lento é a burguesia. Ela é que tem a maior dificuldade de transformações de qualquer ordem do status-quo. E o caso oposto do proletariado, que nada tem a perder a não ser suas algemas.

Podem-se perguntar, nestas condições, se tal frente única vale a pena para os socialistas. Na realidade esta questão não se coloca. O nosso proletariado, como o proletariado da maioria dos países subdesenvolvidos, já se integrou no movimento nacionalista. Isto se dá, de um lado, pelo fato de que os trabalhadores sabem que é possível desenvolver suas forças produtivas na atual regime (desde que se enfrente o imperialismo) e por outro porque o nível de consciência de classes dos operários brasileiros ainda não é muito elevado.

O que cabe perguntar é de que maneira devem-se portar os socialistas face ao nacionalismo. O primeiro dever é se deve aplicar a medida que é realmente enfrentada o imperialismo e na medida em que luta por condições de desenvolvimento das forças produtivas do país. O fundamental, porém, é ter plena consciência das limitações do nacionalismo, limitações que decorrem de sua direção objetivamente burguesa. As novas relações de produção que elevam a consciência de classe de nosso proletariado. Cabe neste ponto enfrentar uma questão que muitos colocam: porque a direção da frente única deve caber à burguesia? Não é o proletariado

e classe que é mais coerente na sua oposição ao imperialismo, pois ele deseja não somente contê-lo em determinados limites mas destruí-lo como sistema? Nestas condições não deveria caber ao proletariado a direção da luta contra o imperialismo?

Na verdade, se a direção da frente única coubesse, como prêmio, ao setor mais consequente, o raciocínio acima seria certo. Acetando porém que isto não se dá assim. Todo movimento nacionalista, como ele se manifesta no Brasil, presuppõe o capitalismo não só como terreno de luta mas como objetivo desta luta. O movimento da economia industrial que se pretende e que não poderia ser de outra forma, numa frente única com a burguesia industrial que se pretende é aquela que envolve a destruição como seu estágio. Ela pode sair com correntes cujo defeito subjetivo seja este, mas a aliança só pode ser mantida enquanto estas correntes renunciarem totalmente ao seu desejo subjetivo em objetivo de luta.

Ora, no regime capitalista a burguesia é a classe dominante. Ela é o não somente porque ela é a detentora dos meios de produção mas também porque seus interesses tendem a coincidir com os do regime como tal (o que não se dá com o proletariado, cujos interesses contrariam os do capitalismo — por isso é que ele é, pelo menos potencialmente, revolucionário). Nestas condições, na medida em que o nacionalismo é anti-imperialista realmente o proletariado é o seu setor mais consequente; mas, na medida em que ele é capitalista ou — se isto for considerado chocante — na medida em que ele é conservador face ao capitalismo como regime, é a burguesia o seu setor mais consequente. E como a atitude conservadora do nacionalismo face ao capitalismo limita sua luta anti-imperialista, a direção da frente única, por mais que o lamentemos, tem que ficar com a burguesia.

DESENVOLVIMENTO DO SOCIALISMO?

Surgimos que ninguém pode deixar de se fazer a pergunta de que maneira se deve desenvolver o socialismo enquanto doutrina e a entrada ideológica dos socialistas no nacionalismo. A forma é mais sutil embora resulte no mesmo. E mais do que socialismo sim, a luta pelo socialismo sim, é possível a base de um capitalismo amplamente desenvolvido; o desenvolvimento do capitalismo nacional só pode ser o fruto da vitória do nacionalismo, o qual constitui uma etapa necessária do caminho para o socialismo. Até que o nacionalismo seja viçoso será inútil o projeto objetivo — socialista — de lutar a burguesia portanto nos de propor a burguesia tomar-se os nacionalistas mais consequentes até que esta etapa da marcha para o socialismo esteja inteiramente esgotada.

Mesmo que isto não se possa fazer, valerá a pena preservar o patrimônio doutrinário do socialismo e preparar assim as bases da futura etapa de luta pelo socialismo. Na realidade, porém, a luta imediata não só não é a luta imediata mas também a luta imediata em capitalismo como sistema não é nacional nem evolui em comportamentos nacionais essenciais. Ele se desenvolve de sistema mundial e econômico de crise e decadência há várias décadas. A abolição do capitalismo em seu terreno da superfície do globo é bem uma idéia de que como sistema de já está mais do que maduro para a revolução

socialista. E mais ainda, o seu amadurecimento se revela precisamente na sua capacidade de desenvolver as forças produtivas nos países subdesenvolvidos. E por isso que ele começou por ser abolido em países desta espécie.

Neste modo o socialismo coloca-se não como etapa que se segue à realização do programa nacionalista mas como alternativa deste. O desenvolvimento produtivo de países que adotaram sistemas de economia planificada, como a Rússia e a China sendo os exemplos mais conspicuos — demonstrou ser muito mais rápido (apesar das deformações burocráticas) que o dos países burocráticos que o dois países que continuam avançando o capitalismo.

Isto não impede que os socialistas possam atuar naturalmente por objetivos comuns com o nacionalismo. O que nos falta para colocar de

imediatos objetivos socialistas não são as condições subjetivas, ou seja um maior grau de consciência de classe de nosso proletariado. Estas condições subjetivas se criam no próprio processo de luta anti-imperialista, ainda que no nível do nacionalismo. Mas elas só serão criadas se os socialistas souberem manter sua independência ideológica e se forem capazes de denunciar as limitações do nacionalismo devidas ao caráter burguês de sua direção. Não são os fatores que nacionalistas que, subjetivamente, lutam não somente por um Brasil economicamente desenvolvido, mas por um Brasil socialista. Mas eles só serão capazes de se rebelar contra as limitações burguesas do seu próprio movimento se nós socialistas os soubermos ajudar. Mas não será submergindo ideologicamente no nacionalismo que os faremos.

PAULO SINGER

FOLHA SOCIALISTA

NOVEMBRO — 1960

COMISSÃO EXECUTIVA MUNICIPAL DO P. S. B. EM SÃO PAULO

- Presidente — Raul Rodrigues
- Vice-presidente — Romão Mello
- Tesoureiro — Nassim Daher Saad
- 1.º Secretário — Sid Figueiredo
- 2.º Secretário — Sebastião Franco
- Sec. Propaganda — Sidney Clarice
- Sec. Cultura — André Castilho
- Sec. Organização — Evaristo Monteiro
- Sec. Geral — Manoel Carvalheiro

O PSB e o Peito Municipal

Em sua reunião conjunta realizada dia 18 de outubro último, o Diretório Municipal e a Comissão Executiva Estadual do Partido Socialista Brasileiro aprovaram o seguinte comunicado sobre a sucessão municipal:

O Partido Socialista Brasileiro em São Paulo está empenhado na luta que o problema da sucessão municipal se apresente aos trabalhadores e ao povo de forma diversa daquela verificada até agora. As disputas dos cargos executivos têm sido feitas através de composições de grupos políticos heterogêneos, em regra sob o comando de elementos conservadores ou carreiristas políticos, entrando as forças de esquerda nessas composições como caudatários, esforçando-se em dar colorido mais progressista a um dos grupos em disputa. Em São Paulo, as lutas têm-se limitado à formulações de anti-ademirismo ou anti-janismo, não fará da Prefeitura menor instrumento de aventuras políticas e propagandas eleitoral, e dará à administração municipal ritmo intenso, capaz de levar à solução dos problemas prementes da comunidade paulistana. Nesse sentido, dirige-se o P.S.B. às forças de esquerda, tais como os socialistas de outros agrupamentos, tribunistas, comunistas e líderes sindicais independentes, preconizando entendimentos para um candidato comum que reúna aqueles requisitos. Não sendo possível encontrar esse candidato comum, o P.S.B. lançará de suas fileiras, candidato próprio que melhor reúna aquelas qualificações essenciais para o Prefeito de que o povo de São Paulo necessita. É nessa posição espera contar com o apoio dos trabalhadores e intelectuais mais conscientes, com o apoio de todos aqueles que, nesta hora de pesadas privações para o povo, tenham consciência de reagir contra a política dos grupos conservadores e dos aventureiros ambiciosos de poder.